

**ALMEIDA, Carla Berenice Starling de.**  
***Medicina mestiça: saberes e práticas***  
***curativas nas Minas Setecentistas. São Paulo:***  
**Annablume, 2010, 184 p. ISBN 978-85-391-0072-9.**

*Ricardo Conrado*<sup>1</sup>

Carla Berenice Starling de Almeida, autora do livro *Medicina mestiça: saberes e práticas curativas nas Minas Setecentistas*, fruto de sua dissertação de mestrado, é formada em odontologia e há anos dedica-se a organizar, manter e gerir a extraordinária coleção de manuscritos setecentistas e oitocentistas da Casa Borba Gato, em Sabará, constituída, sobretudo, de registros cartorários. Dona de uma vasta experiência e exímia leitora da grafia do período, diferentemente de outros historiadores, Carla Berenice conheceu intimamente a documentação para, depois, ingressar no Mestrado que concluiu na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Dividido em três partes, o livro *Medicina mestiça* tratará principalmente dos récipes (receitas) setecentistas que serviram para curar doenças nas regiões das Minas nos primeiros anos da segunda década do século XVIII até a chegada da família Real portuguesa ao Brasil. Segundo a autora, as práticas de cura e as receitas prescritas, manipuladas e aplicadas por cirurgiões, físicos, boticários, sangradores, parteiras, droguitas e curandeiros transformaram-se no eixo central desse trabalho e em torno delas é que se desenvolveu um conjunto de conhecimentos e procedimentos ao qual é chamado na obra de medicina mestiça (p. 13-14).

Essa medicina mestiça só pode ser entendida se interpretarmos esse conceito levando em consideração os enormes deslocamentos populacionais ocorridos a partir do século XVI; I: a mobilidade física dos habitantes das regiões coloniais, sobretudo áreas urbanizadas, o trânsito intenso e planetário de gente e de culturas como nunca antes havido; II: a constituição de imenso contingente de mestiçados de todas as cores, cruzados ineditamente com os nativos americanos; III: a pujança econômica das áreas colonizadas pelos europeus, principalmente as áreas mineradoras explora-

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História/UFMG.

das pelos ibéricos, os portos e os núcleos administrativos; IV: o encontro de culturas riquíssimas e muito distintas umas das outras (e isso não significa harmonia entre elas); V: a circulação de doenças, vírus e bactérias de forma igualmente inédita e planetária, tudo isso, concomitantemente, ajuda a explicar a emergência de práticas mestiças de curas nas Américas, mais especificamente, nas Minas Setecentistas (p. 14).

No primeiro capítulo, a partir de uma reavaliação historiográfica apurada, a autora centralizará a discussão em torno da formação e na legalização do oficial da cura para o exercício da cura. Na (p. 26), Carla Berenice nos alerta sobre a produção historiográfica que afirma que a maior parte dos que se dedicavam às artes da cura em Minas no setecentos o faziam à revelia da lei. Embora fossem escassos os médicos no Brasil durante o setecentos e nos séculos anteriores, não faltavam aqueles que exerciam os ofícios da cura de forma legal. Brancos portugueses, brancos nascidos no Brasil, negros e mestiços biológicos se tornaram legalmente cirurgiões, boticários, sangradores, parteiras ou tira-dentes nas Minas setecentistas.

No segundo capítulo, a autora nos revela, a partir de uma minuciosa pesquisa histórica e bibliográfica, iniciando sua investigação em momentos posteriores ao século XVIII, quando os árabes haviam estabelecido contatos com a costa da África, até chegar às Minas setecentistas, porque será por meio da possível origem dos componentes dos ré-

cipes, que serão investigados os saberes e práticas curativas utilizados na região do Rio das Velhas durante o século XVIII. Resultante do trânsito de espécies vegetais, animais e minerais, e das apropriações e incorporações de conhecimentos e práticas das diversas partes do mundo, esses conhecimentos se sedimentaram ao longo de dois séculos de contato e se mostram nas receitas médicas assinadas por cirurgiões e preparadas pelos boticários em suas boticas.

No terceiro e último capítulo, intitulado Medicina Mestiça, Carla Berenice abordará o perfil dos oficiais da cura e a aceitação e/ou resistência a essa medicina mestiça. Ainda nesse capítulo a autora apresentará evidências da permanência (ou não) de antigas crenças advindas das culturas indígena, africanas e europeia no imaginário da população, como rituais mágicos/religiosos/supersticiosos de cura que se faziam presentes e eram empregados simultaneamente com a terapêutica oficial no tratamento das enfermidades na região das Minas.

O recurso ao sobrenatural para a cura ou prevenção de enfermidades inseria-se de modo multifacetado na vida da sociedade mineira, criando uma intrincada trama de relações. Curandeiros, curiosos, feitiçeiros, padres, raizeiros e velhas comadres mezinheiras colocavam suas habilidades e dons à disposição de todos que deles precisavam para sanar os males que os acometiam. Os procedimentos eram os mais diversos. Parte significativa das práticas de cura que compõe o que chamamos essa “outra

medicina” mostra-se permeada por uma pulsante mestiçagem cultural, embora a impermeabilidade no que tange a determinados aspectos (p. 141).

A escassez de médicos e a falta de conhecimentos específicos por aqueles que exerciam a arte da cura nas Minas, durante o século XVIII, foi a justificativa utilizada pela historiografia para a adoção de práticas supersticiosas por grande parte da população. Entretanto, o número de cirurgiões e boticários identificados exercendo formalmente seu mister aponta para outra realidade: escolher ou acolher as práticas curativas que não aquelas oficialmente permitidas foi a opção da gente que vivia nas Minas. Sua população heterogênea, resultado de mestiçagens biológicas e culturais ao longo do tempo, acomodou práticas diversas oriundas de diferentes culturas que, continuamente, encontravam-se, complementavam-se, reinventavam-se ao longo dos séculos (p. 157).

A leitura dessa obra é indicada a todos os estudantes e pesquisadores de várias áreas do conhecimento que estão preocupados com a verticalização de interpretações acerca de temas vinculados às práticas culturais, pois as culturas, importadas e exportadas, ensinadas e absorvidas, produziram novas práticas e saberes e mantiveram outras mais antigas, inventando e reinventando receitas de curar, dando formas a uma medicina mestiça praticada nas Minas do século XVIII e em outras terras, de cá e de lá.